

ENTRE A ESCOLA E O TRABALHO: EXPERIÊNCIAS DE JOVENS TRABALHADORES EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR

Paloma Mariana Caetano¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma discussão sobre o sentido do trabalho e da educação entre jovens estudantes do Ensino Médio Regular, do período noturno, com idade de 14 a 26 anos da cidade de Marechal Cândido Rondon - PR. Educação e trabalho são duas dimensões de uma mesma experiência social que compõe a vida de milhares de jovens trabalhadores que dividem seu dia e sua vida entre duas atividades que, sob muitos aspectos, se revelam contraditórias. Nesta direção, procuramos identificar e analisar como esses sujeitos significam ambas experiências, tomando como ponto de referência as perspectivas dos próprios jovens envolvidos nesse processo. As fontes utilizadas para tal problematização consistem em entrevistas feitas com jovens trabalhadores e de questionário sociocultural aplicados com alunos da rede pública de ensino, ambas realizadas entre os anos de 2015 e 2016.

Palavras-chave: Jovens Trabalhadores; Experiências; Escolarização.

Conciliar escola e trabalho tá bem difícil para mim, hoje mesmo eu estava conversado com uma amiga minha sobre isso, ontem a gente teve prova e eu só queria sentar e chorar, porque é difícil. A gente trabalha o dia inteiro, aí os professores também tem que passar seu conteúdo né, só que a gente tem várias matérias, às vezes a gente tem que virar a noite fazendo as coisas, e de manhã, a gente tem que acordar às 07h, tem vezes que eu começo 06h para trabalhar, então fica assim bem complicado para mim, bem difícil conciliar as duas coisas [...]. (Trecho da entrevista realizada com Estefani, 17 anos, em 11 de junho de 2016)

Introdução

A dualidade entre estudar e trabalhar simultaneamente é vivenciada por inúmeros jovens em nossa sociedade. São múltiplos os fatores que os levam a dividirem suas rotinas entre a escola e o trabalho. Essas atividades se revelam, em muitos casos, contraditórias e excludentes. As funções desenvolvidas no trabalho não dialogam com as práticas desenvolvidas na escola e vice-versa. Esse antagonismo e o sentido que esses sujeitos atribuem para “as duas coisas” constitui-se, portanto no principal objeto de análise deste trabalho.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon. Bolsista da CAPES. Vinculada à linha de pesquisa de “Trabalho e Movimentos Sociais”. E-mail: palomacaetano07@hotmail.com

Os apontamentos presentes nessa produção resultam da pesquisa em desenvolvimento para a dissertação do Mestrado em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Inicialmente, a investigação por essa problemática se originou com minha participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência). Mais do que discussões didáticas e metodológicas, esse projeto contribuiu para compreender a importância de conhecer os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, a interação com os alunos, possibilitou perceber e conhecer anseios, dilemas e expectativas que esses jovens constroem e que estão presentes em seus cotidianos.

Um dos elementos que mais chamou a atenção, de imediato, é que a grande maioria dos alunos do período noturno são trabalhadores. Utilizando os resultados do questionário aplicado no ano de 2016, com 116 estudantes desse turno, de duas escolas da rede pública de ensino (Colégio Estadual Marechal Rondon e Colégio Estadual Eron Domingues), ambas de Marechal Cândido Rondon-PR, constatou-se que 85% trabalham no contraturno escolar.

Esse questionário, de cunho sociocultural, contempla perguntas como: idade; local onde mora; local onde os pais/responsáveis trabalham; de onde vem a renda da casa; se trabalha; qual a renda e o que faz com o próprio salário; quantas horas trabalha e em que local; por que começou a trabalhar, se o trabalho interfere nos estudos; o que considera ser mais importante entre trabalho e estudo; quando e como se diverte; a que lugares vai quando quer se divertir; se segue alguma moda e quais as expectativas para o futuro. Esse instrumento de pesquisa quantitativo foi importante para comprovar o cenário visualizado durante o contato com esses jovens.

De modo geral, esses jovens possuíam uma faixa etária entre 14 a 26 anos. Um dos principais motivos para frequentarem a escola no período noturno é justamente para ter disponibilidade para trabalhar durante o dia. Realizam funções laborais principalmente em empregos que possuem uma grande rotatividade de funcionários e que não é necessário conhecimentos específicos para desenvolver as atividades. Suas rotinas consistem, na maioria dos casos, em uma jornada de 40h semanais, sem carteira assinada, recebendo pouco mais de um salário mínimo.

Nessa direção, encontramos nas salas de aula muitos alunos que trabalham em Supermercados (reabastecendo sessões ou empacotando as mercadorias); que são vendedores de calçados/roupas; babás; office-boy; atendentes em pequenos estabelecimentos; ajudantes de eletromecânica; funcionários de frigoríficos. Trabalhadores que cumprem uma função específica: ser mão de obra barata e sem qualificação profissional.

Apesar de se tornar cada vez mais recorrente, a inserção de jovens estudantes no mercado de trabalho deve ser problematizada. Afinal, por que esses alunos se tornam trabalhadores? O que os faz viver essa dualidade? Qual o significado dessas experiências para eles? São algumas das questões que busco compreender ao longo do desenvolvimento de minha investigação.

A educação para jovens trabalhadores

Como indicado anteriormente, no ensino noturno temos a predominância de alunos trabalhadores. Evidentemente, esses jovens enfrentam inúmeras dificuldades para ocuparem esse espaço, seja a falta de tempo ou o cansaço físico e mental, decorrente de uma dupla jornada. Isso indica que no universo de suas possibilidades e ações, os mesmos escolhem por estudar, por continuar seu processo de escolarização. Essa escolha é feita por alguma razão, por algum motivo. Seja de bicicleta, carona, ônibus ou a pé, eles vão para o colégio. Mesmo que às vezes durmam nas carteiras, eles estão fisicamente presentes.

A escola ganha um sentido diferente para os jovens que ingressam no mundo do trabalho (GUARALDO, 2009). Em primeiro lugar observamos que ela deixa de ser única preocupação dos estudantes. A partir do momento em que começa a trabalhar este jovem está tomado por questões de ordem materiais e simbólicas, cujas respostas estão na atividade remunerada do trabalho rotineiro. A escola e, portanto a educação já não representam o centro de sua vida.

Além disto, sua inserção no mercado de trabalho impõe-lhe a conciliação de duas jornadas: a escolar e a laboral, que começa por volta das 07h00 da manhã e termina por volta da 23h00. Afinal é assim que funciona, eles passam de 06 a 08hs diárias trabalhando e 04 hs na escola. Excluído o tempo de deslocamento, a soma desta jornada pode alcançar até 12hs por dia. Para aqueles que trabalham 05 dias por semana esta soma alcança 60 horas e para aqueles que trabalham no sábado esta soma pode ser de até 66 horas por semana.

O que lhes resta no final da semana é apenas um dia e meio. Este é todo o tempo livre que dispõem estes jovens que estudam e trabalham. Este pouco tempo passa se torna objeto de disputa entre amigos, livros, cadernos, festas, problemas familiares e o descanso. O fato é que, se estudam no final de semana pouco ou quase tempo nenhum lhes resta para o lazer e para uma vida social e familiar. Entretanto, não é apenas nos finais de semanas que a relação destes jovens com a educação é tensionada. Ao investigar mais de perto a jornada e a rotina

de jovens do ensino médio noturno que estudam e trabalham observei que a escola representa um lugar ambíguo e contraditório em suas vidas.

Após a análise de 28 entrevistas realizadas e do trabalho de observação participante, é perceptível que esses alunos, mesmo tendo outras prioridades, demonstram ter interesse pela educação: eles vão às aulas, se preocupam com as notas, realizam os trabalhos, avaliações e prestam atenção nos conteúdos. As entrevistas possibilitaram investigar o que lhes é importante e como se sentem na busca pelo equilíbrio entre essas esferas. São eles que narram o processo no qual são atores sociais. Por meio dessa “descrição”, como indica Alessandro Portelli, as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. (PORTELLI, 1997, p. 29). Portanto, nesse trabalho, elas são consideradas como fonte histórica. Mas, vale ressaltar que são acima de tudo trajetórias de vidas, (re)construção de memórias e sentidos.

Em suas falas, é notável que lhes foi feita a promessa de que a educação poderá melhorar suas vidas e eles acreditam nisso. Essa garantia (afirmada pelos familiares, pelos professores, por todos os que dão conselhos para esses jovens) se coloca num futuro distante: após a formatura, para ingressar na faculdade, conseguir um bom emprego. Isso ocorre porque essa motivação não foi formulada por eles mesmos, no agora, mas um discurso pronto que foi incorporado para dar sentido a sua permanência na esfera escolar.

Deste modo, o que vivenciam é uma etapa, o “meio” para chegar ao fim desejado. Ter o certificado de conclusão do ensino médio é a meta que precisa ser alcançada, para o sonho de uma vida melhor. Essa expectativa é vivenciada por Franciele, 19 anos, estudante do terceiro ano e funcionária do setor de higienização de um frigorífico de Marechal Cândido Rondon - PR.

Paloma: E o que você considera mais importante trabalhar ou estudar? **Franciele:** Estudar né? É isso que vai me levar para frente. **Paloma:** E por que você acha isso? **Franciele:** Ah, por tudo, hoje em dia estão se exigindo estudo por todo quanto é lugar, tem que ter o ensino médio completo para conseguir um cargo melhor, tipo, se você não tem estudo você vai pegar uma coisa, oh, eu não tenho estudo por enquanto, vou ficar a minha vida inteira lavando banheiro? É difícil né? Ninguém quer isso. Até para gari estão precisando de estudo agora, então tem que pensar futuramente, eu não tenho filhos ainda mas a gente tem que pensar. (Trecho da entrevista realizada com Franciele, 19 anos, em 11 de março de 2016)

Mesmo considerando o estudo mais importante que o trabalho, Franciele deixou de estudar para poder continuar trabalhando no início de 2015. Devido as faltas, a mesma “reprovou de ano”. Permanências e desistências caracterizam o esforço em conciliar a jornada

de oito horas de trabalho e a carga horária da escola. Muitos são os jovens que acabam por não concluírem seu processo de escolarização. Franciele não é uma dessas trajetórias, pois continuou seus estudos em 2016, pois, segundo ela, “é isso que vai me levar para frente”. Cabe aqui indagar o que significa ir “ir para a frente”?

Por meio da educação, segundo muitos alunos, como Francieli, é que irão ascender socialmente. Seja nas entrevistas como nos questionários podem-se encontrar fragmentos que evidenciam essa perspectiva. Em suas respostas, percebe-se uma clara expectativa de que a educação poderia mudar suas vidas.

[...] a educação passou a ser vista, em grande escala, e por muita gente da própria classe trabalhadora, simplesmente como instrumento de mobilidade social seletiva. Além do mais, seja qual for o método de seleção, todo o sistema trabalha de modo a confundir certos tipos de capacidade (ou facilidade) intelectual com realização humana. A aprovação social do sucesso educacional é assinalada de uma centena de modos: o sucesso traz recompensa financeira, um estilo de vida profissional, prestígio social. THOMPSON, 2002, p. 42.

Em busca desta mobilidade social, ter o ensino superior parece ser essencial. Entretanto, por mais que indiquem a vontade em serem formados em universidades, poucos podem efetivamente se dedicar para esse objetivo. A maioria não lê fora da escola, nem mesmo as literaturas obrigatórias, que são conteúdo para realizar vestibulares públicos e privados que almejam. Eles não tem tempo para estudar fora da escola. A maioria trabalha durante o dia inteiro, por 8 horas diárias.

Muitos trabalham durante o sábado também, restando apenas o domingo para poderem se dedicar a algo, que nem sempre é a educação formal. Sendo assim, como irão concorrer contra alunos que se dedicam exclusivamente para estudar? Certamente eles mesmos se fazem essa pergunta. Sinal disso é que muitos nem chegam a se inscrevem para vagas em universidades públicas, que são mais concorridas.

Mesmo com um futuro incerto eles constroem planos para suas vidas. Entre elas se formar em alguma faculdade, sonho principalmente de quem está quase saindo do ensino médio. Se a universidade pública aparenta ser disputada, a educação privada ou cursos à distância aparecem como opção.

Verificando os dados, a grande maioria das respostas indica que, para eles, após concluir o ensino superior terão mais chances de conseguir um bom emprego, com uma renda mensal satisfatória. Acreditam e reproduzem esse discurso. Além disso, ser graduado é sinônimo de trabalhar em algo que escolheu, trabalhar com o que realmente gosta de fazer.

Existem algumas exceções, de alguns jovens que pretendem apenas terminar o ensino médio e abrir seu próprio negócio, voltados a ramos como mecânica, lavacar e loja de roupas. Mas, de modo geral, o trabalho está presente de forma direta e indireta em todas as frases. Querem “ser bem sucedidos”, independente do que fizerem, para ter um padrão de vida elevado, capaz de comprar casas, carros e poder viajar com pelo mundo com frequência.

Os bens materiais seriam a recompensa por todo o esforço que fizeram. Seria a bonificação pelas horas que dedicaram estudando, por toda a sua trajetória escolar e por não desistirem da escola. Tudo isso demonstra que a educação se tornou uma redenção na vida desses jovens e é por isso que depositam suas fichas nela.

O trabalho para jovens estudantes

Por diferentes e variados motivos, muitos alunos começam a trabalhar. A partir de questionário realizado com 116 alunos da rede pública de ensino, do período noturno, de Marechal Cândido Rondon, foi possível constatar que 85% dos alunos trabalham. Mais de 20 alunos começaram a trabalhar antes mesmo de completarem 14 anos. Mais de 70 alunos trabalham em torno de 6h a 8h por dia. Esses dados sinalizam, que boa parte desses jovens, que estão em seu processo de escolarização, destinam mais tempo do seu dia para o trabalho do que para estudar.

Aline, tem 20 anos e estava no último ano do ensino médio. Sempre foi aluna de escolas públicas e buscava ser “independente” financeiramente, ter sua própria renda para gastar no que achar conveniente. Deste modo, antes mesmo de completar os 18 anos começou a trabalhar, mesmo sem ter carteira assinada, para ter seu próprio dinheiro, hora sendo babá, hora trabalhando como garçoneiro, ao mesmo tempo em que estudava.

Nessa direção, ao completar a maioridade, procurou um emprego que lhe assegurasse os direitos trabalhistas. Não pretendia trabalhar em um Supermercado, mas, mesmo assim deixou seu currículo na recepção. Devido não receber nenhuma proposta melhor acabou optando pelo serviço como Empacotadora, trabalho este que lhe proporciona certa estabilidade e carteira assinada.

Aline expressa em seu modo de viver dilemas característicos de sua faixa etária e de sua condição de classe: procura ter seu próprio dinheiro, para além de contribuir com as despesas de casa, poder consumir bens que seus pais não podem lhe oferecer; tenta conseguir ter experiência para arrumar empregos melhores no futuro, tendo em vista as exigências por

boas referências profissionais; preocupasse se vai terminar o ensino médio ou cursar a universidade.

Após completar um ano na empresa, foi promovida para o cargo de “Operadora”. Após a jornada de 07h30min de trabalho ia para a escola, situação compartilhada por muitos outros jovens. Em sua fala evidencia a dificuldade em conciliar sua escolarização com sua profissão. Divide seu tempo entre o trabalho que realiza e as aulas que frequenta, tentando “fazer o máximo” para ter “rendimento” em ambos os lugares, como aponta durante a entrevista.

Visualiza sua vida com base em uma promessa de um futuro melhor, que será alcançada por sacrifícios feitos no presente. Aceita o discurso de que é necessário ter experiência de trabalho e qualificação para ter um bom emprego.

Aline não se sente identificada com o trabalho que executa. Trabalhar em um supermercado não era um sonho, mas, foi o que apareceu primeiro por não ser chamada para outras vagas acabou aceitando o serviço. Mesmo dizendo que existem pontos positivos, que tem uma relação estável com os demais funcionários, pretende sair desse setor de serviço.

Um dos motivos que a faz querer trocar de profissão é a falta de especialização no que faz. Aline realiza diversas atividades, como reabastecer uma sessão de produtos, verificar a validade de alimentos, empacotar mercadorias, prestar informações para clientes. Essas funções são realizadas por outros trabalhadores. Não há nada de “exclusivo” no que realiza. Não há nada que a difere de outros operadores. Esse fato a incomoda, como podemos observar no trecho abaixo:

[...] por que eu digo, que a minha função - eu sou substituível: por que qualquer uma pessoa pode chegar e falar “agora que você saiu eu abasteço”. Por que eu tenho que fazer só isso. Eu gostaria de trabalhar em um setor que só eu soubesse fazer e não teria ninguém que pudesse me substituir, tipo farmácia, por isso eu escolhi farmácia né, ninguém consegue substituir um farmacêutico, por isso. (Trecho da entrevista realizada com Aline, 20 anos, em 10 de setembro de 2015)

A grande rotatividade de funcionário em um Supermercado é visível a quem frequenta o estabelecimento com certa frequência. É comum a taxa constante de contratações e demissões de jovens nesse ramo de emprego. Aline observa isso e sabe que quando sair do supermercado alguém ocupará seu cargo sem grandes dificuldades. A própria divisão do trabalho já é feita de modo a ser facilmente substituível.

Essa experiência é compartilhada por inúmeros jovens. O que se comprova e se visualiza é que esses alunos trabalhadores se veem impelidos a venderem sua força de

trabalho para quem queira pagar por ela. Essa condição é historicamente herdada, tendo em vista que

O servo pertence à terra e entrega aos proprietários frutos da terra. O operário livre, pelo contrário, vende a si mesmo, pedaço a pedaço. Vende, ao correr do martelo, 8, 10, 12, 15 horas da sua vida, dia a dia, aos que oferecem mais, aos possuidores de matéria-prima, dos instrumentos de trabalho e dos meios de subsistência, isto é, aos capitalistas. O operário não pertence nem ao capitalista nem à terra, mas 8, 10, 12, 15 horas de sua vida diária pertencem a quem as compra. O operário abandona o capitalista ao qual se aluga tão logo o queira, e o capitalista o despede quando lhe apraz, desde que ele não extraia mais nenhum lucro ou não obtenha o lucro almejado. Mas o operário, cujo o único recurso é a venda de sua força de trabalho, não pode abandonar toda a classe dos compradores, isto é, a classe dos capitalistas, sem renunciar à vida. Não pertence a tal ou qual patrão, mas à classe capitalista e cabe-lhe encontrar quem lhe queira, isto é, ter de achar um bom comprador nessa classe burguesa. MARX, 2004, p. 28.

A alta divisão e especialização de trabalho, característica do sistema capitalista, separam em muito o trabalho intelectual do trabalho manual. O que se observa é que esses jovens em processo de escolarização se inserem em trabalhos braçais, repetitivos e com baixa remuneração. O trabalho, nesse ponto de vista, se torna algo penoso e que não os representa enquanto sujeitos.

O sentido do trabalho, para esses jovens que, antes de mais nada são alunos trabalhadores, está estritamente vinculado a remuneração, para suprir demandas que são colocadas no presente. O trabalho não é uma atividade que lhes proporciona prazer e identificação, que os faz se sentirem realizados, por isso, estão na busca por novos empregos, que lhes ofereça mais vantagens.

Por todos esses aspectos apontados, o trabalho representa para esses jovens uma ascensão social momentânea. A ele é destinado uma considerável parte do tempo da vida desses sujeitos, mesmo que grande maioria não se sinta identificado e realizado com as atividades que executa. Se faz uma necessidade no presente para que estes possam se inserir no mundo, e assim desfrutarem de momentos de lazer e cultura. O trabalho não “disputa” com a educação, pois esta se encontra subordinada ao primeiro na trajetória desses alunos pesquisados.

Considerações finais

A dualidade vivenciada por esses jovens nem sempre é questionada em nosso cotidiano. Problematizar os discursos que naturalizam essa experiência é uma das motivações

que pesquisa que estou ainda desenvolvendo. Nessa produção, procurei evidenciar algumas discussões de caráter parcial sobre como esses alunos se veem nesse processo.

Em busca do equilíbrio entre dois mundos desconexos, o da educação e o do trabalho, esses jovens analisados constroem suas trajetórias e vivências, tornando-se sujeitos históricos desse processo. Eles procuram não ter que escolher entre essas esferas. Tentam a sua maneira, permanecer estudando e continuar trabalhando. Acreditam em um futuro melhor, o que os faz seguir em frente todos os dias, mesmo com algumas dificuldades. Divididos entre recompensas do presente e promessas do futuro orientam suas práticas.

Em síntese, esses jovens anseiam por concluir o ensino médio, na expectativa que esse certificado melhore sua condição de vida e de trabalho. Seus horizontes e escolhas serão maiores se permanecerem na escola, segundo eles. Mais que isso, depositam na educação o sonho de conciliar esses mundos e ascenderem socialmente. Ingressar em uma faculdade é a oportunidade para trabalharem e fazerem algo que realmente gostam. Nesse caminho, buscam encontrar novos sentidos e resolver essa relação conflituosa.

O trabalho para muitos é sinônimo de salário. Esses jovens não se sentem identificados com os cargos que ocupam e não pretendem continuar trabalhando em tais empregos por muito tempo. Deste modo, seus atuais cargos são visto como algo temporário em suas vidas, uma ocupação passageira. Mas, para eles é fundamental pois possibilita que os mesmos possam ter acesso a bens de consumo, a cultura, ao lazer e contribuir para as despesas da casa.

Levando-se em consideração esses aspectos apresentados, esses jovens procuram não ter que escolher entre estudar e trabalhar. Eles tentam se equilibrar dentro de uma equação social profundamente desigual, que lhes impõe o trabalho como forma de inserção social no mundo. Por outro lado lhes informa que vão corrigir esta desigualdade oferecendo lhes a oportunidade de estudar. Ocorre que eles não estudam em condição igual, justamente porque trabalham. Diante desta realidade como se comportam os jovens. Bom, eles não desistem, eles insistem, não escolhem, eles tentam equilibrar o presente e futuro.

REFERÊNCIAS

GUARALDO, Livia Maria. *Discursos jovens sobre vida, escola e trabalho: estudo realizado em uma escola estadual de ensino médio em São Paulo*. São Paulo: USP, 2009. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O ensino e a Educação da Classe trabalhadora*. In: MARX, K; ENGELS, F. *Textos Sobre Ensino e Educação*. São Paulo: Centauro, 2004.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*. São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997.

THOMPSON, Edward Palmer. *Os Românticos: A Inglaterra na era vitoriana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.